

Brasil

Índios fazem passeata por Galdino

■ Líderes acusam juíza que suavizou crime e pedem ajuda para a família da vítima

SÍLVIA MUGNATTO

BRASÍLIA - A ausência de políticos e autoridades e a pequena participação da população de Brasília marcaram ontem as homenagens pelo Dia do Índio e a passeata em memória do índio pataxó Hã-Hã-Hãe Galdino dos Santos, que morreu no dia 21 de abril do ano passado após ser queimado vivo por cinco jovens de classe média em Brasília. Representantes de 15 nações indígenas fizeram homenagens emocionadas na chamada Praça do Compromisso, perto da parada de ônibus onde Galdino foi queimado.

De acordo com os participantes do ato, o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Sullivan Silvestre, estava ontem em Goiânia e não pode comparecer. Só depois que os índios se juntaram a um movimento contra a violência que se reuniu em uma avenida da cidade foi que a passeata chegou a ter cerca de 300 pessoas, segundo a Polícia Militar.

Ameaça - Revoltados, os dois representantes dos pataxós, o pajé Itambé e o índio Gajé, fizeram acusações e ameaças à juíza Sandra de Sanctis. No ano passado, ela determinou que os rapazes que atearam fogo ao índio Galdino sejam julgados por "lesões corporais seguidas de morte", contrariando a promotoria, que pedia homicídio qualificado. "A juíza achou que tudo foi uma brincadeira. Por que a gente não faz uma brincadeira com ela? Todo mundo sabe que com fogo não se brinca", disse o pajé Itambé. De acordo com o índio Gajé, as três filhas de Galdino estão abandonadas. O índio acusou os congressistas de não cumprirem a promessa de ajuda aos familiares de Galdino.

Ontem, os responsáveis pela

manifestação eram um grupo de funcionários da Funai e de ONGs. De acordo com o técnico da Funai Marcus Maciel a esperança dos índios agora está na apelação da promotora Maria José Pereira junto ao Superior Tribunal de Justiça. A família do índio Galdino ficou na aldeia pataxó, no sul da Bahia, para as homenagens no túmulo do índio.

Penas leves - Na Praça do Compromisso alguns curiosos defendiam a tese da morte accidental. "Foi um ato irresponsável, perverso, mas os meninos não tinham a intenção de matar", disse um senhor. Já o funcionário público goiano Hortêncio Pereira Sobrinho contou que já havia morado perto de reservas indígenas em Mato Grosso. "O bom dos nossos índios é que eles são cabeça-dura. Dizem que as reservas deles são enormes, mas, se não for assim, quem acaba perdendo esta terra e sua riqueza somos nós", disse.

Um dos cinco jovens que atearam fogo em Galdino já está solto por ser menor. Os demais, se permanecer a tese do crime de lesões corporais, poderão ser condenados a 12 anos de prisão, mas podem sair ainda este ano em regime de liberdade condicional.

No sábado, a Funai organizou um encontro de pajés em Brasília por causa das comemorações do dia do Índio. "Foi muito difícil porque os pajés não saem de suas tribos por um motivo qualquer e eles praticamente não falam português", disse Marcus Maciel. No documento produzido no encontro os pajés reclamam do roubo das riquezas de suas terras: "Muita gente vai na nossa terra, é bem tratado, faz pesquisa, conversa e leva muitas coisas do mato, depois não volta mais. Vai para cidade, faz livro, filme, vende, e nosso povo continua pobre e sem assistência".

Brasília - Arnaldo Schulz



Representantes de 15 tribos estiveram em Brasília, no Dia do Índio, para lembrar a morte de Galdino